

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 9 – Caminhada produtiva

Lucas 17 e 18

Elaborado por Bruna Senna
brunasenna@gmail.com

1. Introdução

Querido radiouvinte, nossa lição hoje será baseada nos capítulos 17 e 18 do evangelho de Lucas onde Jesus continua sua caminhada rumo a Jerusalém. Nesses capítulos Lucas narra mais alguns ensinamentos, curas e encontros de Jesus ao longo do caminho. Dentre esses muitos episódios destacaremos hoje uma parábola e um milagre.

2. Entendendo a justiça de Deus

Ao longo de seu ministério Jesus usou muitas parábolas para ensinar. Em geral eram histórias e comparações concretas que tinham ligação com o cotidiano das pessoas e serviam para exemplificar alguma verdade que Ele queria transmitir.

A parábola do fariseu e do publicano registrada no capítulo 18 de Lucas tem como pano de fundo a oração, mas trata de um tema mais amplo. Ela foi dirigida aos fariseus e era uma dura crítica à postura que eles tinham diante de Deus e dos outros. Jesus queria mostrar para aqueles que confiavam em sua própria justiça que dentro da lógica de Deus uma pessoa é considerada justa não pelas coisas que faz ou deixa de fazer, mas sim quando se humilha e reconhece sua condição de pecador diante de Deus.

Nessa parábola Jesus contou que havia dois homens, um era fariseu e o outro era publicano. O fariseu era conhecido por ser um judeu muito religioso que se dedicava ao cumprimento rigoroso da lei de Moisés e das tradições judaicas. Já o publicano era alguém desprezado por trabalhar como coletor de impostos.

Os dois homens foram ao templo para orar. A oração do fariseu era um hino de louvor a ele mesmo, um discurso sobre suas notáveis qualidades. Seus agradecimentos giravam em torno de sua própria bondade e justiça. Ele se vangloriava de ser melhor do que os outros homens e fazia elogios a si mesmo por jejuar

duas vezes por semana e por dar o dízimo de tudo o que tinha.

A oração do publicano, no entanto, era bem diferente. Ele sequer levantava a cabeça para o céu. Apenas batia no peito e dizia: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador”.

Jesus disse que o publicano desceu justificado para casa e o fariseu não, e concluiu dizendo aquele que se exalta é humilhado, mas aquele que se humilha é exaltado.

Deus aceitou a oração do publicano, mas rejeitou a do fariseu. O fariseu se achava melhor que os outros porque cumpria a lei em todos os seus pontos e até ultrapassava aquilo que a lei dizia. O jejum era obrigatório aos judeus apenas uma vez por ano (Lv 16.29-31; 23.27), mas esse fariseu orgulhava-se de jejuar duas vezes por semana. Ele se achava superior às outras pessoas, incluindo aquele publicano que estava ali e pensava que suas atitudes dariam conta de torná-lo aceitável diante de Deus.

O publicano, em contrapartida, confiava somente em Deus. Sabia que era um pecador e que não tinha meios de justificar-se perante Deus. Diante da realidade do seu próprio pecado a única postura do publicano foi de humildade e arrependimento. Sua esperança estava apenas na misericórdia de Deus.

O fariseu podia se gabar de sua justiça, mas Deus conhecia seu coração e sabia que ele não era tão bom quanto parecia. Ninguém é capaz de cumprir perfeitamente toda a lei de Deus (cf. Rm 3.19-20; Gl 3.24). O objetivo da lei é justamente apontar nossa incapacidade de cumpri-la e nos mostrar que carecemos da intervenção de alguém maior do que nós mesmos. O fariseu achava que ele não tinha pecados e que seus atos de piedade eram prova disso. Sua oração presunçosa, no entanto, revelava que seu coração era

orgulhoso o que provava que ele também era um pecador

A postura autossuficiente do fariseu não aproxima ninguém de Deus, pelo contrário, só afasta. O que Deus deseja encontrar nas pessoas é um coração quebrantado e contrito (cf. Sl 34. 18; 51,16-17). É preciso se reconhecer pecador para se relacionar com Deus.

A justificação diante de Deus é pela fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador e não através de uma vida reta. Mesmo o impressionante do currículo do fariseu não era suficiente para fazê-lo justo diante de Deus.

3. Entendendo as prioridades de Jesus

Jesus estava se aproximando de Jericó e muito perto de chegar ao seu destino final. Jericó era a última cidade antes de Jerusalém. No caminho que Jesus ia passar havia um cego que pedia esmolas. Ao ouvir o barulho da caravana que se aproximava o cego perguntou o que estava acontecendo e, ao saber que Jesus estava passando, começou a clamar dizendo: “Jesus, filho de Davi, tem misericórdia de mim!”. Aqueles que iam à frente da caravana começaram a brigar com o cego mandando que ele se calasse, mas ele gritava cada vez mais alto. Jesus, então, parou sua caminhada, mandou que lhe trouxessem o homem e perguntou o que ele gostaria que fosse feito. O cego respondeu que queria voltar a ver. Jesus então ordenou que sua visão fosse reestabelecida e na mesma hora o homem voltou a enxergar e seguiu glorificando a Deus.

Ao se referir a Jesus como Filho de Davi o cego estava fazendo uso de um título que era destinado ao Messias. Apesar de cego fisicamente aquele homem teve discernimento espiritual para reconhecer quem Jesus era e confiou que Ele seria capaz de lhe restaurar a visão, como de fato aconteceu.

Perto de chegar ao seu destino Jesus encontrou uma oportunidade de servir. Mesmo sabendo que em breve seria humilhado, açoitado e morto Jesus permaneceu sensível às necessidades das pessoas e não usou seu sofrimento como desculpa para negligenciar o grito daqueles que clamavam por Ele.

Essa postura de Jesus é uma grande lição. Às vezes estamos tão imersos nos nossos próprios problemas que nos esquecemos de tudo ao nosso redor. Somos rudes com as pessoas, ignoramos nossas responsabilidades e perdemos o foco. Jesus, porém, fez diferente. Em contraste com aqueles que queriam abafar o grito do cego Ele parou para ouvir o seu clamor. Os que seguiam com Jesus desprezaram o cego e não estavam interessados no seu grito. Ao invés de facilitarem o caminho do homem até Jesus mandaram que ele se calasse e negligenciaram completamente o seu sofrimento.

No entanto, no caminho de Jesus sempre há espaço para o grito do aflito. Nos nossos dias muitas pessoas também clamam por Jesus à beira do caminho. Pessoas marginalizadas e discriminadas que tantas vezes tem seu grito abafado. Como discípulos de Jesus fomos chamados para ouvir os gritos de dor daqueles que sofrem ao nosso redor e abrir caminho para que essas pessoas cheguem até Jesus e experimentem o milagre da restauração. Que possamos manter nossos ouvidos sensíveis ao clamor das pessoas e facilitar o encontro de Jesus com aqueles que sofrem.

Que Deus nos abençoe!

Bibliografia: Bíblia de Estudo

- Aplicação Pessoal. CPAD, 2008
- Bíblia de Estudo MacArthur. Barueri, Sp. Sociedade Bíblica do Brasil, 2010
- Bíblia Shedd / editor responsável Russel P. Shedd. São Paulo: Nova Vida; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- Comentário bíblico africano / editor geral Tokunboh Adeyemo. – São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento – São Paulo : Hagnos, 2008.
- STEUERNAGEL, Valdir. O evangelho integral. In: Perspectivas no movimento cristão mundial / editado por Ralph D. Winter, Steven C. Hawthorne, Kevin D. Bradford; - São Paulo: Vida Nova, 2009. P. 184-189.
- WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo : Novo Testamento : volume I – Santo André, SP : Geográfica editora, 2006